

O Imaginário Organizacional e a Formação Ideológica do Administrador: um estudo de caso na UFMG

Romário Rocha Sousa (UFMG) - romariorochasousa@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho teve como objetivo analisar o imaginário organizacional que os estudantes de administração da UFMG constroem e reproduzem, que está ancorado por uma dimensão ideológica. Essa é uma pesquisa que se caracteriza pela abordagem qualitativa. Os dados foram coletados por meio de respostas escritas de alunos e alunas do curso de administração e a análise dos dados foi feita por meio da Análise de Conteúdo e da Análise de Discurso. Os principais resultados indicam que o conhecimento que os alunos e alunas trazem consigo em termos de expectativas sobre o seu trabalho influencia na construção do imaginário, nesse sentido, os estudantes carregam consigo valores e crenças que sustentam e reforçam esse imaginário, que é socialmente construído. A análise também ajudou a identificar que os estudantes chegam na faculdade com uma determinada visão de administração que, ao longo do curso, se modifica ou é reforçada. Assim, o imaginário de administrador, pela fala dos alunos e alunas, é uma construção que é reproduzida, mas que, ao mesmo tempo, é produzida por outras visões de mundo.

Palavras-chave: *Imaginário; Ensino em Administração; Abordagens críticas; Ideologia.*

Área temática: *GT-03 Análise Reflexiva da Prática nas Organizações: Contemplando Diferentes Áreas do Conhecimento*

Introdução

O presente trabalho teve como objetivo geral analisar como é construído e disseminado o imaginário de administrador pelos alunos e alunas de administração, uma vez que estes são, juntamente com os docentes, os sujeitos principais que o idealizam, o constroem e o reproduzem. Como objetivos específicos, procurei fazer uma pequena exposição teórica sobre o que é o imaginário organizacional e como o mesmo influencia nas expectativas que os estudantes têm do que seja o seu trabalho e a forma de gerir.

Mesmo tendo o entendimento de que a administração é uma ciência que, muitas vezes, reproduz a ideologia de uma classe dominante e de que os administradores não se veem, na maior parte das vezes, como trabalhadores (FARIA, 2011; MARANHÃO e PAULA, 2011), podemos partilhar a ideia de que estes podem produzir outras realidades e mudanças sociais no contexto em que atuam, uma vez que são produtos e produtores de formação do ensino e da história de cada um. Nesse sentido, acreditar que os alunos e alunas entram na Universidade com a uma determinada visão de mundo e que os mesmos podem sair do curso diferentes do jeito que ingressaram, constitui um grande estímulo para vermos na educação e no trabalho campos de atuação que apresentam possibilidades de ressignificação ou, até mesmo, de mudança social.

É importante destacar, como disse Tragtenberg (2005; 2006), que a ideologia está presente na administração, o que influencia fortemente na (re)construção do imaginário de administrador. Esse imaginário, que é alimentado, muitas vezes, pelas ideologias dominantes, faz com que a administração se transforme em uma profissão alicerce para a manutenção do capitalismo e da gestão de pessoas. Concomitantemente a isso, é preciso colocarmos como uma alternativa e uma necessidade a presença de abordagens críticas na formação dos estudantes, uma vez que a administração tradicional não questiona qual é o papel que esses sujeitos sociais possuem no mundo, apresentando, assim, várias limitações para se pensar a complexidade organizacional e a atuação do administrador nos vários formatos e estruturas organizacionais.

Essa pesquisa se mostra relevante pelo fato de que tanto os alunos de administração como os docentes são sujeitos de produção e reprodução de um imaginário organizacional, o que é disseminado e sedimentado na sociedade, influenciando nas expectativas ou, mais propriamente, no imaginário que os futuros administradores(as) têm de como será o seu trabalho nas organizações. Além disso, muito do que é idealizado não corresponde à realidade que é vivenciada dentro das organizações, uma vez que na projeção da fantasia, muitas vezes, não há espaço para as disputas e os jogos de poder (FREITAS, 2000).

Em relação aos caminhos metodológicos adotados, a pesquisa é de cunho qualitativo, onde fiz a coleta de respostas escritas de alunos e alunas do curso de administração da UFMG, que foram analisados por meio da Análise de Conteúdo e da Análise do Discurso. Os principais resultados apontam para o fato de os estudantes terem uma visão diversificada da administração e que o imaginário organizacional é construído e reforçado pelas suas visões de mundo. Além disso, os estudantes apresentaram discursos que relativizam os conflitos inerentes à organização ao defenderem interesses da alta gestão, não se reconhecendo, assim, como pertencentes à classe trabalhadora.

Este trabalho está estruturado basicamente em quatro partes. Na primeira parte, procuro desenvolver e descrever uma análise a respeito do imaginário organizacional socialmente construído e, na segunda, as ideologias que sustentam essa construção, seguido das contribuições que as abordagens críticas podem oferecer frente a uma administração funcionalista/tradicional. Logo após, descreve os procedimentos metodológicos que foram utilizados no estudo. A última parte diz respeito às principais considerações e conclusões do trabalho, as quais espero que tragam reflexões e questionamentos sobre o ensino em Administração. Também, espero que haja uma maior percepção dos alunos e alunas quanto ao

seu papel no contexto social, uma vez que o processo educacional deve estimular e desenvolver pessoas mais críticas e conscientes de suas responsabilidades com a sociedade.

Imaginário organizacional

A gestão nas organizações está sempre imersa em um determinado tempo e contexto específicos, por isso, elas devem ser compreendidas dentro de um espaço e formato sócio-histórico (FREITAS, 2000). Nesse sentido, as orientações, assim como as decisões e as ações que marcam os percalços percorridos nas organizações não podem ser explicados somente pelos processos "racionais", pois eles também decorrem igualmente dos desejos, convicções e das crenças dos indivíduos (LAPIERRE, 1989).

Nesse sentido, Faria (2009) reforça a ideia de que as organizações não são entes abstratos, sujeitos absolutos, entidades plenamente autônomas, unidades totalizadoras e independentes, mas sim construções sociais dinâmicas e contraditórias, nas quais coexistem estruturas objetivas e subjetivas, explícitas e implícitas, materiais e imaginárias. Assim, as organizações não podem ser vistas como algo pronto ou acabado, mas sim com resultado de relações dinâmicas e contraditórias, isto é, como um produto histórico que muda ao longo do tempo (PAGÈS *et al*, 1987).

Segundo Faria e Meneghetti (2010), a organização é uma forma e um lugar de manifestação do mundo histórico-social, que representa as relações de poder presentes na sociedade, sendo o local propício para o estudo do imaginário e da dinâmica das coletividades ligadas a ele. Sendo assim, é preciso lembrar que as organizações, ao mesmo tempo em que se configuram como formas de dominação e controle, são uma forma alternativa e eficiente de resistência e luta (FARIA, 2011), ressaltando, assim, o seu caráter dialético.

A todo momento a gestão nas organizações está incorporando valores socialmente aceitos para legitimar e justificar as suas ações no ambiente enquanto uma construção social. Dessa forma, essa gestão dissemina o imaginário humano como o lugar do sonho e do desejo de um mundo melhor (WOOD JR.; PAULA, 2002). Seguindo esse raciocínio, a ideologia do imaginário pode ser compreendida como uma junção de ideias, simbologias, signos e imagens, expressas nas concepções objetivas e subjetivas de uma sociedade em um determinado contexto histórico (FARIA; MENEGHETTI, 2010).

Segundo Xavier *et al.* (2012), o imaginário está presente na organização de nosso cotidiano, tanto em elementos linguísticos, assim como nos aspectos simbólicos, que fazem parte de toda vida social. Para Lapierre (1989), o imaginário é a própria projeção de uma fantasia, pois refere-se não só ao processo e ao produto da imaginação, mas também a uma dimensão mais propriamente cognitiva como as ideias, os pensamentos e as concepções. Nesse sentido, o imaginário deve ser visto como uma realidade subjetiva, pois também é fruto de um conjunto de processos mentais.

É na dinâmica da execução das competições que presenciamos o imaginário dos grupos que compõem o ambiente organizacional. Nesse sentido, estudar o imaginário, fazendo referência às relações de poder, é partir para além do visível, do reconhecimento imediato das relações entre os indivíduos e os grupos sociais (FARIA; MENEGHETTI, 2010). Assim, Brandão (2002) resalta que o imaginário é o modo pelo qual o sujeito atua e relaciona-se com as suas reais condições de vida e, quando essas condições se dão por relações imaginárias, há um certo distanciamento da realidade concreta.

Dessa forma, o imaginário e a vida do indivíduo são introjetados pela gestão das organizações, transformando a direção pelo afetivo e a gestão da paixão em práticas gerenciais (WOOD JR.; PAULA, 2002). Nesse sentido, reconhecer os desejos, as fantasias, os sonhos socializados por uma coletividade é afirmar que a dimensão simbólica atua de forma presente na criação de representações inconscientes imaginárias, capazes de influenciar de maneira significativa as relações sociais (FARIA; MENEGHETTI, 2010).

Baseado no exposto acima, podemos entender que o imaginário é como se fosse o resultado que provém de uma relação dialética entre o real e o abstrato, uma vez que a ideologia, no imaginário, exerce significativa influência na formação social e histórica. Nas palavras de Faria e Meneghetti (2010, p 32), a formação do imaginário

se dá pela relação interativa entre os fatos reais e concretos e as racionalidades e subjetividades decorrentes dela. As várias formas discursivas, representadas na escrita, na fala e no não dito, são responsáveis por compor o imaginário coletivo diferenciado que, no entanto, na totalidade, denotam uma “visão” comum da realidade.

Nesse sentido, a gestão nas organizações modernas utiliza-se do discurso de ser uma comunidade ou uma grande família (FREITAS, 2000; CARRIERI, 2002) como forma de relativizar as contradições presentes no ambiente organizacional.

A mídia de negócios tem uma participação decisiva nesse processo, pois contribui para o desenvolvimento de ideologias e retóricas gerenciais na medida em que auxiliam na disseminação de ideias. Assim, a crescente alteração nas estruturas organizacionais que a gerenciam promove uma ideologia que incorpora os valores capitalistas, nos quais a regra do lucro impera (FARIA; MENEGHETTI, 2010). Apesar de a "imagem" que fazemos do poder e de seu exercício variar grandemente de uma organização para outra e de indivíduo para indivíduo, a lógica do poder sempre permaneceu ativa no imaginário dos administradores (LAPIERRE, 1989). Assim, Pagès et al. (1987) coloca que o poder dos gestores se explica a partir das contradições sociais, uma vez que consiste em colocar seus conhecimentos a serviços da mediação das contradições da sociedade capitalista em desenvolvimento.

A gestão nas organizações modernas sustenta a possibilidade de todos serem heróis, desde que todos assumam a sua “natureza” esportiva de ganhador, dessa forma, ela não pode fornecer nada mais que referências parciais e contraditórias (FREITAS, 2000). Essa contradição, muitas vezes, reside no fato de essa gestão incentivar que o indivíduo seja inovador e ousado, mas que respeite a tradição e não questione as relações de poder; querem que ele seja combativo e individualista, mas que trabalhe em equipe e seja colaborativo, assim, no limite, é como se ela quisesse que os trabalhadores fossem iguais, mas, ao mesmo tempo, diferentes.

A ideia de que há uma certa ambiguidade dentro das organizações, segundo Freitas (2000), faz com que a gestão da organização construa sobre si uma imagem de grandiosidade e perfeição, que influencia fortemente o comportamento dos “colaboradores” aos seus ditames, ao mesmo tempo em que poderá descartá-los sumariamente (SANTOS et al., 2011). É a existência de uma correlação entre a anulação das diferenças e a instauração de um imaginário de igualdade: “nenhuma diferenciação de sexo, de idade ou de status, a princípio todos devem ter as mesmas chances para manter a ilusão de que todos podem vencer” (PAGÈS et al., 1987, p. 160).

Formação ideológica do administrador

O que busca a administração e qual a sua função na sociedade? Qual é o real papel dos administradores na conjuntura capitalista? Esse papel se mostra como fomento ao desenvolvimento social ou como força motriz que ampara e promove o desenvolvimento capitalista? Indagações como estas foram (e são) importantes para se pensar em que lugar, contexto social e qual ideologia permeiam esses campos de análise.

Maurício Tragtenberg, um dos pensadores brasileiros que introduziu a abordagem crítica na administração, trouxe muitas reflexões a respeito desses questionamentos ao ressaltar o caráter ideológico presente na administração, enxergando que esta é uma ciência reprodutivista da ideologia capitalista (TRAGTENBERG, 2005), que tem no administrador a figura e o sujeito catalizador desse processo. Nesse sentido, faz-se necessário questionar não apenas a formação do administrador, mas também a própria Teoria da Administração a respeito

de seu viés ideológico, uma vez que muitos teóricos e gestores fazem o uso dessas teorias com o suporte científico para reproduzirem e legitimarem a lógica capitalista.

Segundo Paula (2008), uma das maiores contribuições de Tragtenberg foi o fato de este enxergar os estudos das teorias administrativas como resultados das formações socioeconômicas de um determinado momento e contexto histórico que, ao manterem a divisão entre quem pensa e quem executa o trabalho, reforçam a opressão do trabalhador, impedindo a sua emancipação.

O cerne da criação da administração, enquanto ciência, estava vinculada à ideia de ser um catalisador para os lucros das grandes empresas industriais, sobretudo da indústria automobilística, como consequente, sempre pairou o discurso de um ambiente harmonioso entre capital e trabalho por parte da alta gestão dessas organizações. A administração era, assim, apresentada como isenta de vieses, uma vez que não beneficiava especificadamente um ou outro lado da luta política (BARROS, 2013), dessa forma, procurou-se (e ainda procura-se) enfatizar o seu caráter “neutro”.

Motta (1992) traz a ideia de que as relações sociais que se reproduzem dentro das organizações confirmam e reforçam a estrutura social e que elas são de caráter econômico, político e ideológico. Nesse sentido, o mesmo autor coloca que as sociedades onde dominam as condições de (re)produção da vida material possuem a existência de uma camada ideológica que se concretiza a cada momento vivido, assumindo um caráter de espetáculo. Nesse sentido, a administração se mostra como um ciência ideológica e política, onde não há espaço para neutralidades.

Tanto a figura do administrador como o papel que administração exerce na sociedade estão referenciados por uma ideologia dominante capitalista, que, segundo Bicalho e Paula (2012), tende a permanecer oculta ou dissimulada por causa da crença administrativa que os dirigentes e dirigidos pareçam ser orientados apenas pelos imperativos racionais da organização. Assim, nas teorias da administração não há o questionamento sobre qual contexto político e ideológico está inserida a administração no mundo do trabalho, muito menos reflete sobre o papel que o administrador ocupa em termos sociais mais amplos. Dessa forma, a teoria tradicional das organizações não é capaz de nos mostrar uma compreensão da complexidade da forma e da análise social (PAULA, 2007).

Quando falamos em uma abordagem mais crítica na administração, mais especificadamente no campo dos Estudos Organizacionais, não há um consenso sobre a sua fundamentação. Segundo Alcadipani e Tureta (2009) e Paula (2008), apesar de termos a presença de autores críticos no campo da administração, a concepção do que seja ser crítico tem gerando alguns desentendimentos, o que decorre da dificuldade de se definir o que pode ou não ser considerado crítico.

Um dos fatores que mais contribuem para essas “divergências” é o fato de o campo das ciências administrativas ser influenciado por várias abordagens teóricas, tais como o marxismo, o pós-estruturalismo, o interpretacionismo, o positivismo, dentre outras. Apesar de essa diversidade de pensamento, muitas vezes, limitar a construção de um campo de estudo mais fortalecido, ao mesmo tempo, oferece possibilidades para se colorir com várias cores o mosaico das abordagens críticas na administração. Nesse sentido, a administração propicia um solo fértil para questionamentos e reflexões.

No contexto brasileiro, a crítica em estudos organizacionais, iniciada nas décadas de 1960 e 1970, teve como principais pensadores Maurício Tragtenberg, Guerreiro Ramos e Fernando Prestes Motta (ALCADIPANI; TURETA, 2009). Segundo Paula et al. (2010), no país, principalmente o marxismo e os autores nacionais que se aproximavam dessa abordagem deram origem à corrente crítica, mas é importante destacar o impacto do pensamento francês por meio de Pagès e Foucault, e da Escola Frankfurtiana.

Mesmo não tendo um entendimento homogêneo sobre as abordagens mais críticas, é preciso reforçar o seu posicionamento frente à teoria tradicional, que, com seus pressupostos cartesianos, se mostra como a negação do homem enquanto sujeito produtor das próprias condições de existência e que, ao mesmo tempo, revela-se como forma “superior de saber” que sacramenta a ciência burguesa (VIZEU; MENEGHETTI; SEIFERT, 2012). Indo de encontro a isso, as abordagens críticas devem produzir um conhecimento que seja reflexivo e provocativo, denunciando as desigualdades sociais e as ideologias dominantes, estando, dessa forma, orientadas para as necessidades humanas.

Mesmo assim, Bicalho e Paula (2012) vêm chamar a atenção para o fato de que a Universidade, que deveria ser um lugar que promovesse reflexões críticas, limita-se a reproduzir a realidade vigente no contexto socioeconômico, o que, segundo Adorno (2006), acaba por transformar a universidade e a escola em uma fábrica de homens que produzem a sua mercadoria, força de trabalho de forma racional. Isso reflete a ideia de que ainda há muito o que se pensar e fazer para construirmos uma administração que seja mais social e menos aplicada. Dessa forma, mesmo a administração sendo uma ciência reprodutora da ideologia capitalista, por outro lado, pode ter uma função que é social, dessa forma, “é importante considerar que a finalidade da administração deve ultrapassar os limites organizacionais, pois deve estar comprometida com a melhoria das condições humanas” (NASCIMENTO; VENZKE, 2013, p. 33).

Pensar que se está formando um(a) administrador(a) que pode (e deve) atuar nas mais diferentes organizações e que, por meio de seu trabalho, ele ou ela pode gerar impactos significativos em seus contextos sociais, constitui um grande desafio para a academia, mas também oferece grandes oportunidades para pensarmos, talvez, em uma administração diferente. Nesse sentido, a função da instituição escolar não se limita apenas a transmitir conhecimento, mas, principalmente, desenvolver e formar pessoas mais responsáveis, éticas e, principalmente, comprometidas com o desenvolvimento social. Eis aí um grande desafio.

Tendo ciência desse desafio, a formação tradicional que é oferecida ao administrador no Brasil não é suficiente para capacitá-lo de um olhar crítico que abarque as diferentes dimensões da realidade social em que o mesmo está inserido (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2009). Segundo Maranhão e Paula (2011), apesar de as escolas serem lugares que apresentam contradições por reproduzirem as estruturas sociais, ao mesmo tempo, fornecem espaço para ressignificar a sua lógica de dominação.

E isso nos faz lembrar do papel social que os professores e professoras possuem para a formação das pessoas, que se torna mais efetivo quando o docente adota uma postura crítica, aberta e humilde, compreendendo que o aluno também é um sujeito ativo nesse processo de construção da sociedade (ASSIS et al., 2013). Assim, inseridos numa crise do ensino da gestão e da própria área de conhecimento, não podemos ignorar caminhos e possibilidades alternativos para se gerar transformações sociais (PAULA; RODRIGUES, 2006).

Ciente de que o(a) administrador(a) tem possibilidades de refletir sobre o que seu trabalho resulta em termos sociais mais amplos e de que ensinar é um ato político e ideológico (FREIRE, 2014), é necessário pensar o ensino em administração em termos mais amplos. Isso porque os administradores, ao atuarem nas mais diversas estruturas e formatos organizacionais, ocupam posições de poder e tomam decisões que afetam uma coletividade de pessoas em seus vários contextos sociais, econômicos e culturais.

Percursos Metodológicos

Essa pesquisa se caracteriza por sua abordagem qualitativa. Segundo González Rey (2010), o pesquisador é aquele que faz reflexões e questiona-se ao se fazer a pesquisa, que não é algo estanque ou parado no tempo, mas um processo de construção. Sendo assim, entendo que a abordagem qualitativa propicia uma compreensão interessante das relações sociais e

organizacionais, pois dá espaço para se pensar numa realidade que é (re)construída por meio da relação dialética em entre objetividade e subjetividade.

Em relação aos sujeitos sociais que participaram da pesquisa, estes foram representados por alunos e alunas do curso de administração da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) que estavam ingressando e se formando no curso, mas especificadamente, alunos do primeiro e segundo períodos e do oitavo, novo e décimo períodos, respectivamente. Essa escolha se justificou pelo fato de tentar evidenciar se existe alguma diferença, no que diz respeito ao fato de como se constrói o imaginário, entre aqueles alunos que estão entrando e saindo do curso.

No que diz respeito à coleta de dados, esta foi realizada por meio de respostas escritas que alunos e alunas forneceram sobre duas perguntas feitas: “*Escreva, com suas palavras, o que é administração para você*” e “*Descreva de que forma você vê o(a) administrador(a)*”. Essas perguntas foram escolhidas por apresentar um caráter abrangente sobre o que seja a administração e qual é o papel do administrador, dando oportunidade para que os estudantes pudessem escrever livremente as suas concepções sobre os temas.

Foram coletadas um total de 94 respostas de alunos diferentes de quatro turmas distintas, durante o período de um ano e meio. As falas dos estudantes foram identificadas por *fn* (estudantes que estão no final do curso no horário noturno), *id* (estudantes que estão no início do curso no horário diurno) e *in* (estudantes que estão no início do curso no horário noturno).

No que tange à análise dos dados, fiz o uso da Análise de Conteúdo e da Análise do Discurso. A análise de conteúdo (BARDIN, 2008) foi utilizada para identificar algumas categorias centrais que apareceram nas falas dos estudantes, servindo, assim, de grande apoio metodológico. E relação à Análise do Discurso, esta representa muito mais do que um método (apesar de utilizar a Análise do Discurso aqui como uma forma de análise de dados, esta representa uma área do conhecimento, não se limitando apenas como uma ferramenta metodológica), podendo ser entendida como uma prática social de analisar, interpretar e compreender os discursos proferidos pelas pessoas (estejam eles na forma de texto ou não), assim como as construções ideológicas presentes neles. Nesse sentido, as duas metodologias de análise, combinadas, propiciaram uma maior riqueza da análise dos dados.

Como o discurso é um recurso linguístico dotado de sentidos e significados, é preciso analisá-lo levando em consideração as condições histórico-culturais de produção social do mesmo (BRANDÃO, 2009), pois, quem diz algo, sempre fala de um determinado lugar, ocupando uma certa posição social e estando inserido em um dado espaço e contexto históricos. Analisar o discurso levando em consideração todos esses fatores como recursos de análise constitui uma grande contribuição para os trabalhos científicos e demais atividades afins.

Neste trabalho, procurei adotar as contribuições de Faria e Linhares (1993) e de Fiorin (2003), que compreendem que a linguística possui tanto a dimensão social como a ideológica, que são resultantes da relação entre consciência individual e interação social. Para tanto, foram utilizadas as seguintes categorias de análise: a) as condições sociais de produção discursiva; b) identificação e análise lexical; c) análise do implícito e do explícito e; d) análise do que é silenciado. Dessa forma, procurei analisar os discursos dos estudantes, objetivando identificar e compreender as ideologias presentes neles e como elas se inserem e se estruturam na formação do imaginário de administrador.

A análise dos dados propiciou identificar quatro categorias principais de análise, que surgiram a partir das falas dos estudantes: 1) a racionalidade na administração; 2) o conflito entre capital e trabalho; 3) imaginário de poder, comando e hierarquia e; 4) que administração é essa?

Enxergar além, ser vigilante, a chave da empresa: imaginários gerenciais

Os alunos e alunas que participaram dessa pesquisa são estudantes de uma das instituições de ensino mais renomadas no país, além disso boa parte deles é pertencente às classes econômicas média e média alta, representando, assim, uma parcela da população que se diferencia das camadas mais populares. A maioria desses estudantes têm a cor da pele branca e possuem um capital cultural relativamente alto, se compararmos com áreas do saber distintas e outros perfis de alunos. Nesse sentido, a UFMG está longe de ser um espaço público e que seja para todos e todas.

A racionalidade na administração

No que diz respeito às falas dos alunos e alunas em relação aos aspectos que remetem à racionalidade do administrador, estes a compreendem como uma característica inerente ao processo de decisão, ficando explícito pelas falas que o administrador a todo momento toma decisões de forma racional, não dando espaço para a dimensão não racional, sendo a pessoa que “conhece” a organização. Em relação ao silenciamento, este se mostra presente na medida em que não se fala da emoção, uma vez que ela é parte constituinte do ser humano e é por meio dela que externalizamos os nossos sentimentos mais profundos.

Vejo o administrador com alguém **capaz de enxergar a organização** de uma maneira mais independente quanto for possível, com o objetivo de **tomar decisões de maneira racional** amparada em conhecimento adquirido na literatura (fn1). O administrador é aquele capaz de **gerenciar racionalmente**, no sentido de ser mais eficaz (id3).

Em outros trechos, esse mesmo administrador, segundo os alunos, aparece como o indivíduo que compreende a visão do todo, tanto dentro como fora da organização, e possui o controle dos meios que o cercam para executar sua função:

Um indivíduo que **compreende o ambiente interno e externo** da organização e sabe manipular os recursos que possui, a fim de se atingir um resultado (fn2).

[O administrador é aquele que deve] **controlar situações e resultados** para alcançar objetivos no ambiente organizacional (fn20).

Pelos relatos dos(as) alunos(as), podemos evidenciar que os mesmos apresentam uma visão reduzida do fenômeno da racionalidade dentro das organizações, uma vez que não compreendem que “a racionalidade requer um conhecimento completo, e inalcançável, das consequências exatas de cada escolha” (SIMON, 1979, p. 84). Sendo assim, compreender que a racionalidade é limitada e que o comportamento das pessoas na organização toma a forma de um mosaico, constitui um fator de importância para compreender as organizações e enxergar os limites da tomada de decisão, uma vez que é impossível, evidentemente, que o indivíduo conheça todas as alternativas de que dispõe ou todas as suas consequências (SIMON, 1979).

Conflito entre capital e trabalho

A atuação do administrador está relacionada ao papel de mediação que o mesmo exerce dentro das organizações, no sentido de buscar uma certa harmonização na relação entre os diversos interesses que auxiliam na construção e na modelagem das relações de poder que constituem as tessituras organizacionais. Posto isso, uma categoria que se mostrou presente nos relatos dos alunos e alunas é lugar que ocupa o(a) administrador(a) nessa relação.

Nas falas dos estudantes, podemos perceber qual é o sentido que os mesmos atribuem ao papel que esse profissional da área exerce muitas vezes na relação trabalho-capital, isto é, como defensores de uma classe dominante. Também fica explícito o fato de os alunos enxergarem a administração como uma ferramenta que auxilia na manutenção dos interesses de uma alta gestão (o lucro), que não compatibiliza com os dos trabalhadores.

Administração é gerir recursos da melhor forma possível, **maximizar lucros e resultados** (fn17).

Em outros trechos, essa relação entre capital e trabalho aparece na medida de conciliar interesses que são historicamente antagônicos ou até mesmo na tentativa de relativizar os conflitos que são inerentes ao processo de formação das organizações. Outro ponto de destaque é que, ao colocar o administrador como o profissional responsável por buscar os interesses organizacionais, fica implícito que interesses são esses, no fundo, são futuros trabalhadores que falam como capital. Aqui, percebemos que há um silenciamento da voz dos alunos e alunas enquanto trabalhadores que são, ou seja, não falam de si e para si, mas como a representação daquilo que não são.

Administração é arte de fazer determinada **organização** funcionar de forma **harmônica** (fn19).

[O administrador] é o responsável por planejar e elaborar **ações** que estejam **a favor dos interesses da organização, sem perder de vista os interesses sociais** (id13).

Também é **contribuir com a sociedade** que está inserida (fn17).

Apesar de ressaltarem a importância de ver na administração e, conseqüentemente, no papel do administrador uma função social, os alunos e alunas, muitas vezes, não conseguem visualizar a complexidade do ambiente organizacional e seus conflitos, muito menos se veem diante de um conflito histórico-existencial: o conflito entre capital e trabalho. E isso é um grande problema, pois eles são os profissionais responsáveis por mediar os interesses conflitantes entre os trabalhadores e os detentores dos meios de produção. Assim, como pensar essa atuação, se os mesmos não compreendem a historicidade desses conflitos?

Imaginário de poder, comando e hierarquia

Como o próprio Lapierre (1989) já ressaltara, a lógica do poder sempre esteve presente no imaginário dos administradores, nesse sentido, a noção de comando e hierarquia se faz presente na idealização que os estudantes refratam em suas respostas:

[Vejo o administrador] como um líder, aquele que **faz com que as normas sejam cumpridas** (id1).

O administrador é o **responsável pela manutenção da ordem e verificador do trabalho** que deve ser feito até que se alcance o objetivo desejado (id19).

Um **vigilante que tenta limitar os comportamentos dos indivíduos** de forma a orientá-los para o que é desejável e não desejável (in21).

Vejo o administrador como **uma pessoa que comanda**, exerce liderança, resolve problema etc. (fn11).

Pela análise dos trechos, podemos identificar que o imaginário de administrador(a) está fortemente relacionado à questão do poder de comandar, de exercer poder sobre o outro, no caso, o trabalhador, um poder que vigiar e controla o ambiente de trabalho, assim como as relações que se estabelecem dentro dele. A própria tentativa de pôr limites e controlar o comportamento dos indivíduos fica explícito, o que é uma característica muito presente nas teorias da administração e em suas escolas. Algo interessante que chamou a atenção foi a comparação do administrador a um “vigilante”, uma vez que esse termo remete a uma ideia de um profissional que trabalha como um “cão de guarda”, assegurando por meio de normas e técnicas que o *status quo* da lógica do trabalho seja mantida e reafirmada.

A fala dos estudantes deixa implícito que o vigiar e o comandar é algo que parte dos administradores para os demais trabalhadores, dando a ideia de que não há alguém na organização que vigia e controla as ações e os comportamentos dos mesmos. Assim, por possuírem, muitas vezes, uma certa autonomia, poder de comando e *status* no trabalho, em

relação a outros cargos, os estudantes acabam se vendo e defendendo interesses de uma classe à qual não pertencem, enfraquecendo, assim, a solidariedade entre a classe trabalhadora.

Em outras passagens, os estudantes imaginam o administrador como o componente central da organização, a pessoa responsável por comandar a gestão da organização e tendo a capacidade resolver os problemas que acontecem.

O administrador é **a mente pensante** por de trás de todo o processo de gestão (fn19).

O administrador é **a peça chave de uma empresa**, tendo ele conhecimentos gerais das organizações e **capacidade de gerir, inovar e solucionar problemas** (id2).

Em relação ao fato de *fn19* ver o administrador como a mente pensante do processo de gestão, fica explícito na fala dele que esse profissional é o responsável por planejar processos de gestão, contudo, será que o administrador não trabalha também com atividades mais operacionais? Será que o administrador é tão importante assim a ponto de ser considerado a “peça chave” da empresa, um recurso insubstituível?

Em outro trecho, *id2* diz que o administrador tem capacidade de gerir, inovar, contudo o ambiente organizacional nem sempre oferece oportunidade e está aberto para isso, uma vez que a inovação pressupõe autonomia no processo de trabalho e espaço para se discutir sobre as relações de poder que estão postas dentro dele, dessa forma, cabe nos indagar: as várias gestões das organizações estão dispostas e preparadas para isso?

Que administração é essa?

No que se refere ao imaginário sobre a administração, a visão dos alunos e alunas foram bem diversas, o que é algo interessante de se ver, dado que a administração é uma ciência social aplicada e que se mostra como uma área ampla do conhecimento.

Administração é ter **habilidade de lidar com dinheiro**, podendo gerir corretamente uma empresa **de modo que se obtenha lucro** (in12).

A administração é a capacidade de **manusear pessoas, recursos e materiais** da melhor forma possível para alcançar **o objetivo da organização** (in16).

Administração é a forma como **gerir uma empresa** (fn4).

Pelos trechos acima, podemos perceber que esses alunos e alunas têm um imaginário de que a administração está voltada estritamente para a obtenção de lucro, objetivo esse das empresas, que remete à compreensão de uma administração tradicional ou funcionalista. Também vemos que os mesmos possuem uma visão bem limitada da área, uma vez falam que a administração está voltada apenas para o âmbito empresarial, isto é, como uma forma de gerir uma empresa, não compreendendo a sua amplitude.

Para outros estudantes, estes já possuem uma visão mais ampla do campo de atuação da administração, passando a reconhecê-la não apenas como uma ciência, mas também como arte, mostrando que a dimensão extrapola o ambiente de uma empresa:

A administração é um **curso baseado nas necessidades cotidianas**, seja ela de organização, teoria ou prática. A administração vem para **suprir necessidades humanas** e dar um **suporte maior para o indivíduo** (id8).

Administração é **arte/ofício que envolve a relação entre pessoas, recursos e objetos** (in1).

É a ciência que busca entender o funcionamento de **organizações, públicas ou privadas...** auxilia no **desenvolvimento da sociedade** (fn5).

Administração é uma área do conhecimento que **dialoga com outras áreas do saber** (fn14.)

Baseado nas análises dos enunciados, vemos que alguns alunos e alunas têm uma visão interessante da administração, por compreenderem a sua amplitude e o seu impacto social, que não está relacionada apenas ao setor privado, mas também ao público. Também é possível ver, segundo *fn14*, que a administração tem o caráter de dialogicidade com outras áreas do conhecimento, uma vez que ela não se sustenta sozinha enquanto área do saber.

Em outro trecho, *fn6* fala como a sua visão da administração mudou ao longo do tempo que o mesmo está na faculdade, o que indica que, para ele, o imaginário da administração se modificou do início até ao final do curso.

Vejo o conceito de forma bem **mais ampla do que simplesmente empresas**, como costumamos pensar no início do curso. A administração é o estudo das pessoas, seus relacionamentos e como eles formam organizações, sua estrutura e todo seu contexto (fn6).

Considerações finais

Com este trabalho, tive como objetivo analisar o imaginário organizacional dos estudantes do curso de administração e como a dimensão ideológica está presente nessa construção. A análise possibilitou a compreensão de que o conhecimento que os alunos e alunas trazem consigo em termos de expectativas sobre o seu trabalho influencia na construção do imaginário, nesse sentido, os estudantes carregam consigo valores e crenças que sustentam e reforçam esse imaginário, que é socialmente construído.

A lógica do poder esteve presente no imaginário de administrador dos estudantes, sustentado pela noção de comando e hierarquia nas suas idealizações. A dimensão de vigiar e comandar, segundo os alunos e alunas, é algo que parte do administrador para os trabalhadores, indicando que não há alguém que vigia ou que exerce comando sobre os administradores.

A tomada de decisão foi um ponto que se mostrou parte do imaginário, a qual os estudantes compreendem pela dimensão da racionalidade, dando pouco ou quase nenhum espaço para as não racionalidades e para as emoções, elementos estes que também constituem a personalidade humana. O que é preciso termos em mente, e que os estudantes não enfatizaram, é que o processo de tomada de decisão é algo complexo, pois, decidir implica em abrir mão de algo e nunca conhecemos totalmente os efeitos e as consequências dessas escolhas. Dessa forma, não podemos esquecer que quando reduzimos a realidade, a complexidade nos cega (MORIN, 2007).

No que diz respeito à concepção que os estudantes têm da administração, estes a veem de formas diversas. O fato de a compreenderem como um catalisador para a obtenção de lucro, onde sua atuação se restringe apenas às empresas, foi bem expressivo. Apesar disso, surgiram outras visões de uma administração mais ampla, como uma administração baseada nas necessidades humanas, uma administração que é arte, ofício e que não atua apenas na esfera privada, mas também na pública, resgatando um pouco da sua dimensão social.

O imaginário que os estudantes têm sobre o administrador apresentou também diversas visões. Uma dessas visões é o fato de que esse profissional está a serviço dos interesses de uma alta gestão, alicerçando a manutenção do capitalismo e da gestão de pessoas. Apesar disso, muitos estudantes chegam na faculdade com uma determinada visão de administração que, ao longo do curso, se modifica ou é reforçada.

Assim, o imaginário de administrador, pela fala dos alunos e alunas, é uma construção que é reproduzida, mas que, ao mesmo tempo, é produzida por outras visões de mundo. Dessa forma, alguns estudantes veteranos modificaram o imaginário que possuíam do administrador e da administração conforme o passar do curso, enquanto outros, não. Na outra ponta, os

estudantes novatos no curso já entram na universidade com um determinado imaginário, que eles modificam ou acabam reproduzindo ao longo do percurso na faculdade.

No momento da construção do imaginário esses estudantes se deparam com uma série de representações sobre poder, sucesso, *status* e modo de vida relacionados com as diversas dimensões que representam algo para eles (OLIVEIRA *et al*, 2011). Nesse momento, o papel do administrador enquanto um trabalhador se torna cada vez mais contraditório, pois o ambiente de trabalho se mostra como o lugar do realizável, mas a lógica da racionalidade econômica e instrumental do trabalho não dispensa a subjetividade do trabalhador.

Os estudantes, muitas vezes, não conseguem visualizar essa complexidade do ambiente organizacional, muito menos se veem diante de um conflito histórico-existencial entre capital e trabalho. E esse é um grande desafio para a emancipação dos trabalhadores, uma vez que o profissional de administração é um mediador de conflitos, porém defende ideias e luta por ideais de uma classe à qual não pertence (TRAGTENBERG, 2005). Além disso, essa postura se torna muito arriscada, uma vez que o mundo do trabalho se mostra a cada dia mais precário, flexível e excludente.

Assim, com base na relação dialética entre objetividade e subjetividade, o imaginário organizacional se constitui e se refaz continuamente. Nesse sentido, entendo que os alunos e alunas reproduzem as estruturas do pensamento coletivo, mas, ao mesmo tempo, se inserem em um movimento de produção social da realidade, no fundo, são sujeitos.

Ciente de que os administradores e administradoras, ao atuarem como profissionais, ocupam posições de poder e tomam decisões que afetam uma coletividade pessoas, Maranhão e Paula (2011, p. 448) indagam: “não deveria haver uma maior preocupação com sua formação para a vida e a cidadania?”. Pensar sobre a formação emancipatória de administradores é uma tarefa audaciosa, mas, por compreender que os administradores e administradoras têm possibilidades de refletir sobre o que seu trabalho resulta em termos sociais mais amplos, é preciso questionarmos qual é o lugar e o papel que os(as) mesmos(as) ocupam no mundo.

No fato de que os estudantes de administração possuem uma visão um pouco limitada do papel do administrador como um cidadão mais consciente, os docentes, por meio de abordagens mais críticas, devem se mostrar como sujeitos ativos em seus contextos sociais, frente a um ensino que não questiona qual é o papel que os sujeitos exercem na sociedade. Indo ao encontro disso, essa é uma das contribuições que a crítica pode trazer, uma vez que ela deve incomodar e gerar desconforto, e isso é a mola propulsora que pode provocar a inquietação e a mudança.

Esse processo de apresentar aos estudantes possibilidades de os mesmos se inserirem e se colocarem no mundo como sujeitos é um processo longo, tortuoso e que apresenta grandes desafios, pois ninguém se torna crítico da noite para o dia, porém pode apresentar caminhos e possibilidades para produzirmos uma administração diferente. Mesmo assim, não podemos deixar de questionar o papel que as abordagens críticas possuem nessa formação, uma vez que estas, ao terem o compromisso com a transformação social, não deixam de reproduzir, em alguma instância, as ideologias dominantes.

Nesse sentido, acreditar que os alunos e alunas entram na Universidade com a uma determinada visão de mundo e que os mesmos podem sair do curso diferentes do jeito que entraram, constitui uma grande motivação para pensarmos que uma outra administração é possível, uma vez que há muito o que se fazer para construirmos uma administração que seja mais social e menos aplicada, para que os profissionais que atuam na área estejam mais comprometidos com a melhoria das condições de vida.

Este trabalho apresenta algumas lacunas, assim como qualquer outro, pois ele está impregnado com a visão de mundo do autor, carecendo de mais estudos e pesquisas que possam trazer outros olhares e contribuições.

Referências

- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- ALCADIPANI, R.; TURETA, C. Teoria ator-rede e estudos críticos em administração: possibilidades de um diálogo. **Cadernos EBAPE**. br, n. 3, p. 405-418, 2009.
- ASSIS, L. B. PAULA, A. P. P.; BARRETO, R. D. O.; VIEGAS, G. Estudos de caso no ensino da administração: o erro construtivo libertador como caminho para inserção da pedagogia crítica. **Revista de Administração Mackenzie**. São Paulo, v. 14, n. 5, 2013.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hicitec, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições70, 2008.
- BARROS, A. N. **Uma narrativa sobre a história dos cursos de administração da FACE-UFMG: às margens do mundo e à sobra da FGV?** Dissertação de mestrado CEPEAD-UFMG, 2013.
- BICALHO, R. A.; PAULA, A. P. P. Empresa Júnior e a reprodução da ideologia da Administração. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n. 4, p. 894-910, 2012.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2002.
- BRANDÃO, H. H. N. Analisando o discurso. **Museu da língua portuguesa-Estação da luz**, 2009. Disponível em: http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_1.pdf.
- FARIA, J. H. Teoria crítica em estudos organizacionais no Brasil: o estado da arte. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 7, n. 3, p. 509-515, 2009.
- CARRIERI, A. P. A transformação das identidades uma empresa de telecomunicações antes e depois de sua privatização: um estudo de metáforas. **Organizações & Sociedade**, v. 9, n. 23, p. 1-29, 2002.
- FARIA, J. H. **Economia política do poder**. Vol. 2. Curitiba: Juruá, 2011.
- FARIA, A. A. M.; LINHARES, P. T. F. S. O preço da passagem no discurso de uma empresa de ônibus. **Cadernos de Pesquisa**, Belo Horizonte, v. 10, p. 32- 38, 1993.
- FARIA, J. H.; MENEGHETTI, F. K. Imaginário e Poder: a dinâmica dos grupos ligados a uma organização de futebol. **Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, v. 4, n. 3, p. 20-37, 2010.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- FREITAS, M. E. Contexto social e imaginário organizacional moderno. **Revista de Administração de empresas**, v. 40, n. 2, p. 7, 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

HORKHEIMER, M. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**. In. Textos Escolhidos / Max Horkheimer, Theodor Adorno; São Paulo: Nova Cultural – 1989.

LAPIERRE, Laurent. Imaginário, administração e liderança. **Revista de Administração de Empresas**, v. 29, n. 4, p. 05-16, 1989.

MARANHÃO, C. M.; PAULA, A. P. P. Pedagogia crítica e ensino em Administração: em busca de novas abordagens. **Gestão. Org.**, v. 9, n. 3, p. 438-462, 2011.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOTTA, F. C. P. As empresas e a transmissão da ideologia. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 32, n. 5, 1992.

NASCIMENTO, L. F. M.; VENZKE, C. S. Caminhos e desafios para a inserção da sustentabilidade socioambiental na formação do administrador brasileiro. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 13, n. 6, 2013.

OLIVEIRA, J. L.; BARRETO, R. O.; SOUZA, M. M. P.; CALBINO, D. O que eu vou ser quando crescer? As representações sociais de alunos ingressantes em um curso de Administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 12, n. 2, p. 237-264, 2011.

PAGÈS, M.; BONETTI, M.; GAULEJAC, V.; DESCENDRE, D. **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 1987.

PAULA, A. P. P. Guerreiro Ramos: resgatando o pensamento de um sociólogo crítico das organizações. **Organizações & Sociedade**, v. 14, n. 40, 2007.

PAULA, A. P. P. **Teoria Crítica nas Organizações**. São Paulo: Thomson Learning, 2008.

PAULA, A. P. P. Maurício Tragtenberg: contribuições de um marxista anarquizante para os estudos organizacionais críticos. **Rev. Adm. Pública**, p. 949-968, 2008.

PAULA, A. P. P.; MARANHÃO, C. M. S. A.; BARRETO, R. O.; KLECHEN, C. F. A tradição e a autonomia dos estudos organizacionais críticos no Brasil. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 1, p. 10-23, 2010.

PAULA, A. P. P.; RODRIGUES, M. A. Pedagogia crítica no ensino da administração: desafios e possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. SPE, p. 10-22, 2006.

RIBEIRO, D. A.; SACRAMENTO, A. R. S. Ensino e currículo em Administração: a opção brasileira. **Gestão & Planejamento**, v. 10, n. 2, 2009.

SANTOS, M. A.; SIQUEIRA, M. V.; MENDES, A. M. Sofrimento no trabalho e imaginário organizacional: ideação suicida de trabalhadora bancária. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 359-368, 2011.

SIMON, H. A. **Comportamento administrativo**: estudo dos processos decisórios nas organizações. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Getúlio Vargas, 1979.

TRAGTENBERG, M. **Administração, poder e ideologia**. 3. Ed. rev. São Paulo: Unesp, 2005.

TRAGTENBERG, M. **Burocracia e ideologia**. 2. Ed. rev. São Paulo: Unesp, 2006.

VIZEU, F.; MENEGHETTI, F. K.; SEIFERT, R. E. Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 10, n. 3, p. 569-583, 2012.

XAVIER, W. S.; BARROS, A. N.; CRUZ, R. C.; CARRIERI, A. P. O imaginário dos mascates e caixeiros-viajantes de Minas Gerais na formação do lugar, do não lugar e do entrelugar. **Revista de Administração**, v. 47, n. 1, p. 38-50, 2012.

WOOD JR, T.; PAULA, A. P. P. Pop management: contos de paixão, lucro e poder. **Enanpad**. v. 26, 2002.